

na pele de...**FILIPE FEIO** texto
NATACHA CARDOSO fotos

um distribuidor de jornais gratuitos. No meio da estrada, leva-se com o fumo, e, se não se tiver cuidado, com um carro. No passeio, junto à saída do metro, é mais seguro. A única preocupação é evitar o quiosque, ou posso ser atacado pelo dono. Reformados e brasileiros, alguns ilegais, distribuem milhares de jornais em troca de uma dezena de euros. Durante uma manhã, o DN foi ajudar a entregar o 'Global Notícias'

“Cuidado com o sinal, assim que ficar verde tens de fugir”

FARDAR COM RIGOR E NÃO SER ARROGANTE

“A base é a educação”, explicou Florindo Sousa. Enquanto os últimos exemplares do *Global Notícias* se iam imprimindo, na Gráfica Funchalense, em Pêro Pinheiro (concelho de Sintra), eu ia recebendo a formação necessária.



“Fardar rigorosamente e não ser arrogante” é aquilo que é importante. “É preciso entregar o jornal com delicadeza, e dizer sempre bom dia às pessoas”, continuava o distribuidor de 58 anos. Relativamente à farda: uma camisola, um casaco (a que haveria de rogar pragas, devido ao calor) e um boné. Os dois primeiros artigos em laranja, e o terceiro em preto. “Não



diga à rapaziada que sou jornalista”, pedi a Florindo. “Diga-lhes que venho ajudar, que houve um reforço de jornais.” Tudo combinado, estava na hora de começar a entrega nos pontos de distribuição. “Temos de ir depressa,



porque já estamos atrasados”, avisou Florindo, porque “hoje o jornal fechou tarde”. É impossível acompanhá-lo. “Senhor Florindo, encontramos-nos às 07.30 no Cais do Sodré”, disse-lhe por telemóvel. E assim foi...

Reformados e brasileiros integram as equipas de distribuição dos gratuitos

“Foi giro?” A pergunta foi-me colocada por diversos jornalistas, chegado à redacção. Apesar de, por diversas vezes, ter respondido que sim, fi-lo apenas para evitar ter de explicar o que senti. Simplesmente porque não seria possível dizê-lo assim, de passagem, em duas ou três palavras. Nem sequer esse adjectivo me ajuda a descrever a experiência que aceitei viver. Na verdade, durante quatro horas, distribuir o *Global Notícias* foi andar lado a lado com a precariedade, realidade tantas vezes referida nas notícias, ou na discussão política, mas quase sempre sem rosto, sem corpo. Foi essa a condição que encontrei e conheci em quase todos os meus colegas de trabalho, na manhã de quinta-feira passada. E isso não tem nada de giro.

“Um bom dia para você”, diz Alexandra (nome fictício), efusivamente, sempre que alguém aceita receber o jornal. Junto à entrada para a estação de caminhos-de-ferro do Cais do Sodré, em Lisboa, de frente para o terminal fluvial da Transtejo, centenas de pessoas passam por nós apressadas, sempre que um cacilheiro chega, vindo da Margem Sul. Explico-lhe que estou ali para ajudar, por causa de um suposto reforço no número de exemplares a entregar. “*Qui bom*”, diz-me, sorridente. Brasileira, distribui o *Global* há cerca de três meses, mas sonha com melhores tempos. “Para o mês que vem, já estou legalizada.” E depois? “Depois bazo para outra área.” Para outra área? “Para uma empresa, sei lá.”

A luva na sua mão direita revela-me o meu primeiro erro, fruto da minha inexperiência. A tinta, antes nas páginas dos jornais, está agora nos meus dedos, cada vez mais pretos. Além disso, o vermelho de alguns cortes recentes, feitos nas fitas que prendem os maços de jornais, misturam-se com o negro das minhas mãos. E pensar que ainda faltam distribuir cerca de 200 dos perto de mil exemplares que, bem cedo, às 07.30, compunham a pilha daquele ponto de distribuição frente ao rio.

Junto a nós, e mais perto de se despachar, está a Maria, uma portuguesa que trabalha para a concorrência. Distribui o *Metro* há cerca de três anos. “Viram que eu era despachada com as mãos, e por isso vim para aqui”, diz-me. Antes, estava algures perto do Campo Grande, em Lisboa, onde as manhãs eram mais duras. Para entregar o jornal ao maior número de condutores possível, era obrigada a saltar por cima de um separador central, sempre que o sinal mudava para vermelho na faixa do sentido contrário. A ajuda (algures na casa dos 50), a baixa estatura, e o peso dificultavam-lhe a tarefa. Agora, é bem mais simples. E, além disso, sempre tem companhia.

E, no *Metro*, ganha-se mais? “Ganha-se o mesmo, mas temos contrato”, responde-me, “apesar de nos descontarem os feriados”, dias em que os

gratuitos não são distribuídos. Ao ouvir a minha pergunta, Alexandra depreende o meu interesse por algo mais vantajoso. Aconselha-me uma casa de câmbio. “Oiça, estão contratando, Filipe, e como você é português...” Aceno que sim com a cabeça, e mudo de conversa. Pergunto as horas à Maria. “Estou perdido”, confesso-lhe. “São 09.30, já não falta muito.” “Mas, se está perdido, não quer que uma rapariga jeitosa o encontre?” Não consigo evitar um sorriso. Olhando para a Maria, fico com dúvidas se estará a falar de si mesma...

Mais um cacilheiro chega a bom porto. Do magote de gente que se aproxima apressadamente, as poucas pessoas que aceitam um jornal preferem o *Metro*. “Já li o *Global*”, dizem-me, o único gratuito distribuído em Cacilhas. Subitamente, há um homem que pára. Já conhece as minhas colegas. Troca com elas duas ou três palavras. Comigo, talvez por ser o único homem, o que aumenta a probabilidade de se gostar de futebol, fala sobre o presidente do Futebol Clube do Porto, destacado na primeira página do *Global Notícias*. A conversa não dura muito. “Bom, tenho de ir”, diz-me, aparentemente sem vontade de sair dali. “Passamos a vida a ir”, respondo-lhe.

Entretanto, a Maria despacha os últimos jornais, e vai-se embora também. “Você segura as

pontas, Filipe?”, pergunta-me Alexandra. Digo-lhe que sim, e a brasileira dirige-se na companhia de outra distribuidora, sua conterrânea, para a estação fluvial. Suponho que para matar a sede, de que se queixava há já bastante tempo.

Fico sozinho. Por mim, continua a passar o corupio de gente, vinda do outro lado do Tejo. A imagem parece ter sido retirada de *Koyaanisqatsi*, um filme de 1982 que retratava os movimentos humanos dentro das grandes metrópoles. Por momentos, imagino-me num plano elevado, a olhar aquele espectáculo agitado. Lá do alto, as pessoas devem parecer formigas, à espera de atravessar o curso de água, para depois continuar a caminhada. Deve ser como que uma correnteza estrangulada, temporariamente refreada. A cada barco que chega, preparo-me para distribuir mais jornais.

Mas as pessoas continuam a passar por mim, concentradas, absortas nos seus pensamentos, nas suas vidas. Sempre a andar, passam sem parar. A maioria não levanta, sequer, os olhos, nem quando pergunto se já leram o jornal. Passam sem parar, e sem levantar o olhar. A quem me estende a mão distribuo um jornal, um bom dia, e um sorriso. É tudo gratuito. “Já não basta descontar o que desconto para ainda ter de comprar jornais”, responde-me um homem, já de idade

Radical. Distribuir o jornal no meio do trânsito, em plena Avenida 24 de Julho, é uma actividade radical. “Há tempos, houve um automóvel que se despistou”, diz José, “bateu numa árvore e por pouco não me acertou.” Quando o sinal fica verde, é tempo de sair da estrada. Para além do fumo dos escapes, ainda há que lidar com a tentação de dar um jornal a quem coloca o braço de fora da janela e se põe a apitar

